



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

**PROJETO BRINCANDO NOS FORTALECEMOS: ANÁLISE DAS
CONTRIBUIÇÕES DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO CONTRA A
VIOLÊNCIA ESCOLAR .**

DANIELLE RODRIGUES CAVALCANTI

JOÃO PESSOA
DEZEMBRO DE 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

DANIELLE RODRIGUES CAVALCANTI

**PROJETO BRINCANDO NOS FORTALECEMOS: ANÁLISE DAS
CONTRIBUIÇÕES DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO CONTRA A
VIOLÊNCIA ESCOLAR .**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Modalidade à Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

**Orientadora: Prof.^a M.^a Nathália Fernandes
Egito Rocha.**

JOÃO PESSOA
DEZEMBRO DE 2017

DANIELLE RODRIGUES CAVALCANTI

**PROJETO BRINCANDO NOS FORTALECEMOS: ANÁLISE DAS
CONTRIBUIÇÕES DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO CONTRA A
VIOLÊNCIA ESCOLAR .**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 13 / 12 /2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Natália Fernandes Brito Rocha

Prof. Orientador Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. [Assinatura]

Prof. Convidado Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. [Assinatura]

Prof. Convidado Universidade Federal da Paraíba - UFPB

AGRADECIMENTOS

A realização do trabalho que me conduziu a este artigo apenas foi possível devido à permissão de Deus. “Sem mim, nada podeis fazer” (Jó. 15,5b). Tive a colaboração de um conjunto de pessoas, às quais dirijo os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela oportunidade de construir novos conhecimentos.

Dirijo meus sinceros agradecimentos também à minha filha Alyne Cavalcanti, que tanto amo por suportar minha ausência e delíquios.

Ao meu amado esposo Moisés Bandeira, exemplo de companheirismo e compreensão; sem seu apoio, sei que não conseguiria.

Aos meus amados pais Elias Cavalcanti e Jane Cavalcanti, por sempre me apoiarem e sentirem-se orgulhosos pelo que eu sou e pela minha formação.

À Minha amiga querida Márcia Nascimento, por sempre ouvir minhas lamentações e me socorrer quando precisava.

À minha orientadora Nathália Fernandes, por ser tão amável e atenciosa; suas orientações foram indispensáveis.

Enfim, agradeço às minhas colegas, companheiras, pelos momentos que passamos juntas, pelas brincadeiras, pelo companheirismo, até mesmo pelos chilikues.

Meu muito obrigada a todos!

RESUMO

O presente estudo investiga a implementação de ações de intervenção de uma escola Municipal de Ipojuca - PE, a fim de diminuir os índices de violência existentes, tendo como ponto de partida uma iniciativa do desenho e execução de um projeto de intervenção com foco na prevenção da violência e maus tratos. Esta dissertação buscou compreender se a intervenção atingiu resultados esperados e se ela modificou a rotina da escola, principalmente no que tange a melhoria do clima escolar e dos resultados educacionais. O estudo, de caráter qualitativo, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, da análise de documentos da escola, tal como o Livro de Ocorrência e, também, da aplicação de entrevistas semiestruturadas, buscando as percepções dos atores envolvidos quanto às práticas de violência no cotidiano escolar. Os dados encontrados foram analisados à luz, principalmente, de autores como Abramovay (2009) e Rua (2002), Elias (2011) e Bourdieu (2001). A análise realizada neste trabalho provocou algumas conclusões, o que possibilitou a proposição de um Plano de Ação Educacional voltado para a mudança no cotidiano da escola e em suas relações, a fim de que a unidade escolar diminua os índices de violência nela apresentados. Buscamos, com isso, construir um arcabouço reflexivo entorno de uma escola municipal que apresentava alto índice de violência, visando atenuar essa realidade. Este estudo objetiva explicar as manifestações da violência da e na escola, identificando as ações realizadas para minimizar tal fenômeno. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa. Utilizou-se, como instrumento, o grupo focal aplicado aos educadores, gestores e funcionários em geral da escola, observação assistemática não participativa e análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da referida escola. Quanto ao resultado, constatou-se que o PPP não apresenta qualquer projeto ou ação efetiva ao enfrentamento da violência no estabelecimento de ensino. Considera-se, portanto, que a escola não está preparada para afrontar os diários episódios de violência e que a mesma não dispõe de ações eficazes. Dessa forma, as ações realizadas na escola para enfrentamento da violência são isoladas e pouco efetivas, visto que as mesmas de nada adiantam. Em busca de transformar essa realidade, foi desenhando o projeto *Brincando, nos fortalecemos*, com foco em prevenção à violência e aos maus tratos, executado na escola em análise como ação do Estágio supervisionado em Gestão escolar, um projeto com ferramentas pedagógicas lúdicas que trouxeram mudanças significativas à unidade educacional.

Palavras-chave: Violência; Indisciplina; Projeto; Ferramentas pedagógicas.

ABSTRACT

The present study investigates the implementation of intervention actions of a Municipal School of Ipojuca - PE, aiming at reducing existing levels of violence, starting as an initiative of the design and execution of an intervention project focused on the prevention of violence and mistreatment. This dissertation sought the result of a research with the expected results and if it modified a routine of the school, mainly not with the best of the school climate and the educational results. The study, the qualitative character, the use of the bibliographical research, the analysis of school documents, the Book of Occurrence and also the application of semester interviews, seeking as perceptions of the involved actors regarding the practices of non-daily school violence. The data found were analyzed in the light, mainly, of authors like Abramovay (2009) and Rua (2002), Elias (2011) and Bourdieu (2001). A work-centered analysis led to some conclusions, which made possible a proposal for an Educational Action Plan aimed at a change in the daily life of the school in its relations, an aim that the school unit reduced the rates of violence in it. We sought to construct a reflexive framework surrounding a municipal school that presented a high level of violence, in order to mitigate this reality. This study aims to explain how manifestations of violence in and of school, identifying actions taken to minimize such phenomenon. The methodology used was the qualitative approach. Was used as instrument the focal group applied to educators, managers and employees of the school general, non-participatory observation and analysis of the School's Political Pedagogical Project (PPP). As for the result, it was found that the PPP does not present any project or effective action to combat violence in any educational institution. It is therefore considered that a school is not prepared to deal with episodes of violence and that it is not an effective institution of actions. Thus, actions taken in school to confront violence are isolated and ineffective, since the same part of nothing advances. In order to transform this reality, we designed the *Brincando, nos fortalecemos* project, strengthened ourselves, focusing on violence prevention and maltreatment, carried out in the school under analysis as a Supervised Internship in School Management, a project with pedagogical tools that brought significant changes to the educational unit.

Keywords: Violence; Indiscipline; Project; Pedagogical tools.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. AS VIOLÊNCIAS QUE NOS CERCAM.....	11
1.1. Caracterização da violência em sala de aula	15
1.2. Causas e consequências da violência na vida das crianças e adolescentes	17
2. METODOLOGIA.....	21
2.1. Contextualização	21
2.2. Participantes	21
2.3. As experiências na escola municipal em Ipojuca - PE.....	23
2.4. Propostas de intervenção vivenciada na escola Municipal em Ipojuca – PE através do projeto <i>Brincando, nos fortalecemos</i> , com foco na prevenção da violência e maus tratos	28
3. RESULTADOS DO PROJETO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A motivação para o estudo da violência no ambiente escolar surgiu da vivência profissional da pesquisadora que, desde o ano de 2010, atua como Assistente Social Educacional em escolas públicas vinculadas à Secretaria de Estado de Educação de Pernambuco - PE, bem como sua atuação em projetos educacionais de contra turno para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social executados em parceria com as escolas por organizações não governamentais.

Em seu cotidiano, o ambiente escolar tem enfrentado, dentre tantos desafios, problemas com a permanência do aluno e com a falta de participação dos pais na vida estudantil dos filhos. A violência tem crescido de forma a atrapalhar o andamento da aprendizagem dos alunos. Frequentemente, o tema tem repercussão na mídia em geral, também SENDO visualizado de diversas formas no ambiente escolar. No Brasil, existe a Lei 8.069/90 ou Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que dá suporte e ampara as escolas e famílias para agir em certos casos, deixando o medo de lado, pois, no momento atual, fazem-se necessárias medidas urgentes, que vão de encontro às reais necessidades dos alunos.

A violência caracteriza toda ação que machuca as pessoas de alguma forma, sendo com palavras, agressões e injustiças da sociedade. Tal comportamento pode invadir a autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida do outro. Todos têm direito a serem livres de qualquer tipo de violência.

Como estudante do curso de pedagogia na UFPB, a pesquisadora foi direcionada para o estágio curricular supervisionado em uma escola municipal na cidade de Ipojuca – PE, para cumprir atividades da disciplina de Gestão escolar. No primeiro momento, a ação foi desenhar um projeto de intervenção para ser executado na unidade educacional, em parceria com os gestores e professores, realinhado o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, uma vez que a temática da violência não fazia parte do mesmo. Diante da necessidade de combater a problemática, desenhamos, no 1º semestre de 2016, um projeto para prevenção à violência e aos maus tratos. A execução do mesmo aconteceu no 2º semestre de 2016, nas turmas de educação infantil e Ensino Fundamental I desta escola.

A experiência do projeto de prevenção à violência e aos maus tratos é o ponto de partida para o presente trabalho, no qual intencionamos identificar qual a sua contribuição, enquanto ferramenta pedagógica, para a reflexão e o combate da violência escolar da rede municipal de Ipojuca – PE.

Assim, o objetivo geral deste estudo é compreender se a intervenção realizada pela aplicação do projeto *Brincando, nos fortalecemos* junto a uma escola municipal de Ipojuca contribuiu efetivamente para a diminuição da violência, bem como para os motivos dos altos índices de violência escolar no contexto da instituição em análise.

Nesse sentido, em concordância com o proposto no objetivo geral, esta pesquisa pretende, em seus objetivos específicos, descrever a cultura da escola, seus valores e situações de violência no cotidiano escola, assim como analisar de que forma a violência é percebida e vivenciada na escola em análise, a partir dos relatos dos docentes gestores e funcionários em geral, além de identificar as ações pedagógicas desenvolvidas a partir do projeto de intervenção em torno da temática.

Para o alcance desses objetivos, optou-se pela metodologia do estudo de caso que, segundo Araújo et al. (2008), pode ser entendida como uma abordagem que procura compreender e ou descrever contextos complexos que não estão envolvidos em um único fator. Cabe utilizar essa metodologia quando o pesquisador tem em seu objetivo analisar um fenômeno e compreender o seu processo. Nesse sentido, a fim de preservar a identidade dos participantes desta pesquisa, a escola estudada recebeu um nome fictício. Foi denominada, nesta dissertação, de “escola municipal de Ipojuca”.

Inicialmente, discutimos sobre a questão da violência, da violência escolar e da indisciplina na sociedade atual, uma vez que esses assuntos estão interligados à problemática do fenômeno estudado. Dando prosseguimento, faremos uma abordagem acerca das características, distinções e formas de apresentação das ramificações da violência no contexto escolar. Nesse sentido, para a construção do projeto de intervenção, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa e bibliográfica objetivando identificar a(s) resposta(s) ao problema levantado. Utilizou-se como instrumento um questionário aplicado aos educadores da escola em análise, além da observação assistemática não participante e análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da referida escola. Quanto ao resultado, constatou-se que o PPP não apresenta qualquer projeto ou ação efetiva ao enfrentamento da violência no estabelecimento de ensino. Dessa forma, as ações realizadas no Projeto *Brincando, nos fortalecemos* foram uma iniciativa de enfrentamento à violência a partir de práticas pedagógicas, fazendo o uso da ludicidade.

Sendo assim, este trabalho está estruturalmente dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, com base no aporte teórico estabelecido neste estudo, busca compreender a origem e a trajetória da violência no âmbito escolar em transposição com a realidade da escola em análise. Para tanto, coloca-se em discussão os atos de violência na escola, evidenciando como

essa prática se materializa diante dos turnos nos quais a escola se organiza. O segundo capítulo apresenta a metodologia de pesquisa utilizada, a contextualização do local de pesquisa, a dinâmica da coleta de dados e as ações do projeto de intervenção no combate à violência e aos maus tratos. O terceiro capítulo responde como se deu a redução dos índices de violência a partir das práticas pedagógicas vivenciadas no projeto *Brincando, nos fortalecemos*. E, por fim, nas considerações finais, sintetizamos as principais discussões realizadas ao longo do trabalho, buscando apontar alternativas para manutenção da cultura de bons tratos na escola municipal de Ipojuca.

1. AS VIOLÊNCIAS QUE NOS CERCAM

Sabemos que as dificuldades em sala de aula fazem parte do cotidiano de alunos e professores e que o descaso é um tipo de violência que muitas vezes a própria escola não a percebe como tal, tendendo a se agravar com o passar do tempo (GARCIA, 2009, p. 101). Entretanto, quando a indisciplina interfere no processo de ensino e aprendizagem, precisa ser enfrentada para benefício de toda a sociedade.

A história da educação do homem tem nos legado grande contribuição quanto à manifestação da indisciplina, que pode ter sua origem no desgaste das relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula (GARCIA, 2009, p. 101).

Atualmente, Garcia (2009, p. 102) alerta que, além de constituir um “problema”, “a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional”. Assim, a indisciplina deve ser analisada levando em consideração todos os aspectos que influenciam o indivíduo: relações humanas com familiares e amigos, momento histórico do aluno, sua história de vida e a conduta apresentada durante as atividades em sala de aula e no contexto escolar. É preciso ainda levar em consideração “o modo como o aluno desempenha as atividades pedagógicas e a maneira como interage com as demais pessoas, objetos, patrimônio público, meio ambiente, etc.” (GARCIA, 2009, p. 102).

A escola é o ambiente onde se consolidam as interações sociais dos alunos, sendo, por isso, um dos locais de melhor observação para a ocorrência da indisciplina (PINGOELO & Horiguela, 2010, p. 1).

Assim, considerando o modo como o professor conduz seus trabalhos (seja de forma rígida e hierarquizada ou participativa), as atitudes, por parte dos alunos, podem ser apenas um retorno do tratamento ao qual recebem. Outro ponto que deve ser observado diz respeito ao planejamento das aulas, pois este é fundamental para o sucesso do exercício de aprendizagem.

Almeida (2009) sugere que a indisciplina encontrada nas escolas pode ser puramente comportamental, devido ao histórico familiar do aluno, carente de modelos favoráveis ao bom relacionamento social e total perda dos valores patrimoniais e culturais. Todavia, tal fator pode ser também o resultado de uma educação escolar pouco comprometida com o planejamento da aula oferecida ou ainda da falta de um diálogo entre pais, alunos, educadores e gestores, para estabelecer metas educacionais a serem alcançadas, limites a serem respeitados, compromissos a serem cumpridos, afeto e cidadania a serem exercitados dia-a-

dia. Isto posto, é função da escola propiciar condições para o bom desenvolvimento dos alunos no ensino e a aprendizagem e é atribuição do aluno contribuir para que essas condições sejam favoráveis a todos.

Segundo Garcia (2009), o gesto indisciplinado de um aluno pode estar associado tanto a questões comportamentais quanto ao período vivenciado por ele, violência familiar ou social, ausência de afetividade ou problemas hormonais.

Muitas das escolas ainda praticam uma “Pedagogia Tradicional, proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria através de aulas expositivas, devendo os alunos prestar atenção e realizar exercícios repetitivos, a fim de memorizar e reproduzir a matéria ensinada” (BRASIL, 1998, p. 56). Assim, as expectativas da escola, por exemplo, devem refletir não uma disposição autoritária elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisórios, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à instituição e não apenas dos profissionais da educação que nela atuam.

A ausência de bases democráticas no modo como se articulam as relações entre professores e estudantes no interior da escola, por exemplo, pode desencadear resistência e contestação por parte dos estudantes aos próprios esquemas da escola; o que deve ser considerado uma expressão de indisciplina carrega uma legitimidade e pertinência difíceis de negar.

Segundo Nicolilelo (2009), no Brasil, os professores gastam 17% do tempo em sala de aula tentando manter a disciplina dos alunos, mesmo índice da Malásia. No mundo, a média é de 13%. Em países como Bulgária, Estônia, Lituânia e Polônia, o percentual não passa de 10%. O resultado é que o trabalho dos professores fica prejudicado pelo mau comportamento dos alunos. Isto faz sentido, pois em nosso cotidiano:

Ouvimos tanto dos professores quanto da sociedade em geral que o vandalismo contra a escola e a agressão a professores se devem a certa fragilidade dos dirigentes, que em tudo concordam com os jovens estudantes, à imagem das famílias. Há de se pensar ainda sobre a falta de limites dos adolescentes se apresenta como a causa principal da indisciplina (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 2002, p. 151).

Por outro lado, os educadores que convivem com as peculiaridades da sala de aula têm o hábito de buscar causas e fazer uma viagem introspectiva à realidade. Para Almeida (2009), muitas das hostilidades que assolam o cotidiano educacional estão relacionadas com a gestão ou com o modelo pedagógico. Professores faltantes, horários desorganizados, salas

abarrotações de crianças e quadras de esportes insuficientes para que os adolescentes sublimem parte de suas energias podem aumentar a probabilidade de indisciplina - que se desdobra em atos de fúria (ALMEIDA, 2009, p. 1).

Cabe à escola, afinal, fazer sua parte, que é a Pedagogia, seus métodos e suas organizações internas. Isso inclui construir coletivamente regras sociais sobre procedimentos, deveres e direitos que mencionem as consequências para quem descumpri-las. Assim, todos ficam satisfeitos e se sentem “agentes de sua história” (ALMEIDA, 2009, p. 1).

O professor tem que lidar com toda a instabilidade em seu cotidiano. Como aprender não é, de modo nenhum, manejar certezas, mas trabalhar com inteligência as incertezas, porquanto, sendo função vital, tão vital que se confunde com a vida, não poderia fantasiar propostas contraditórias com a criatividade e com a fragilidade da vida.

De acordo com Demo (2000), na escola, formam-se pessoas e os professores vêm assumindo papéis além daqueles explicitados na formação tradicional; esses profissionais incorporaram os papéis de líderes, psicólogos, pais, além de simples seres humanos.

Assim, é provável que o aluno não apreenda bem os ensinamentos do professor e tenha razões com variáveis externas incontornáveis e mesmo internas ao sistema educacional, tais como: vícios de aprendizagem, incompetência dos ciclos educacionais anteriores e desinteresse, podendo externá-lo na forma de indisciplina.

O professor tem a função, normalmente complexa de instigar, provocar, desafiar, contribuir e a de desenvolver a capacidade de raciocínio, de posicionamento do aluno. Para isso, o docente precisa se capacitar e construir um ambiente propício, levando o aluno a fazer análise crítica das coisas, alcançando autonomia e expressando-se com desenvoltura (MORAN, 2011, p. 11).

Nosso desafio maior é caminhar para uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano, inclusive a comportamental, resultante das adversidades comuns ao ambiente social e escolar. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesma do sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social. E até agora encontramos poucas pessoas que estejam prontas para a educação com qualidade (MORAN, 2011, p. 12).

Demo (2000) nos ensina que a educação é algo político e não apenas técnico, nesse aspecto o problema do docente é de qualidade formal e política. Em relação à qualidade formal, o professor não detém formação adequada, pois a pedagogia continua atrasada em termos de competência técnica e não existe sistema conveniente de atualização constante, seja

porque a atividade de professor tem decaído para o rol das facilitadas e marcadas pela seleção negativa.

Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Fala-se muito de ensino de qualidade. Muitas escolas e universidades são colocadas no pedestal, como modelos de qualidade. Na verdade, em geral, não temos ensino de qualidade. Temos alguns cursos, faculdades, universidades com áreas de relativa excelência. Mas o conjunto das instituições de ensino está muito distante do conceito de qualidade (MORAN, 2011, p. 12).

Nesta perspectiva, compreendemos que a noção de cidadania vasta, incluindo a valorização profissional, sobretudo em termos de remuneração e carreira. A questão salarial, muito em evidência, não resolverá problemas de capacitação do professor. Este deve saber direcionar a formação básica em qualquer instância – do ensino fundamental ao nível superior – o que é essência para educação, e mola propulsora da cidadania e da produtividade.

De acordo com Teixeira (2011), a alma da formação básica é aprender a aprender, saber pensar, informar-se e refazer todo dia a informação, questionar. Conhecimentos pertinentes e, sobretudo, seu manejo propedêutico são base para o exercício do papel de sujeito participativo e produtivo.

Para Demo (2000), é fundamental aprender a conviver com os limites buscando transformá-los em desafio, desta forma, precisamos aprender a ultrapassar barreiras, buscando valorizar o aluno e experimentar crer que eles podem nos dar mais do que esperamos e essa mudança deve partir dos professores. Desta forma:

[...] espera-se que as dificuldades no ensino-aprendizagem sejam minimizadas através da expectativa pela inteligência do aluno por parte do professor. Um professor competente, técnica e politicamente (que saiba equilibrar a ambos), é capaz de arquitetar a formação adequada, estabelecendo o ambiente do aprender a aprender, do saber pensar, do questionar criativamente (HENRIQUE, 2011, p. 3).

Assim, ao esperar um bom rendimento do aluno, o professor deve buscar e criar meios para que este aprenda efetivamente, motivando-o a isso. O sucesso do ensino dependerá da motivação tanto do professor quanto do aluno e a expectativa explicitada (sob a medida do contexto a que se está inserido) pode ser um grande começo, bem como a subestimação pode ser um obstáculo.

Segundo Henrique (2011), a expectativa do professor derruba a barreira professor-aluno, pois o conduz a construir algo e vai além, faz com que este mesmo aluno se apaixone

pelo objeto de desejo que construiu. No nível superior, por exemplo, o professor, intencionalmente, incita o aluno a se envolver com o conteúdo de forma profissional, evitando obviamente ultrapassar o limite para não desvirtuar o foco, ou seja, o aprendizado. Isso torna claro que o professor deseja que o aluno vá além do conhecimento.

Para Freire (2006), o professor pode utilizar-se das falas diretas e indiretas, ou seja, é um grande influenciador, e tem que assumir seu papel social, buscando aproveitar o melhor da relação professor-aprendiz. Para Henrique (2011, p. 4), é através da comunicação que o professor consegue reduzir as dúvidas e incertezas advindas das questões levantadas (as quais ele mesmo estimula que sejam) pelos alunos. Além de ser uma ferramenta para atuação eficiente faz com que se defendam ideias e fortalece a relação de aprendizagem criando um sentido de participação.

1.1. Caracterização da violência em sala de aula

Entendemos por violência uma realização determinada de força tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como uma violação e transgressão de normas, regras e leis, preferiram considerá-la sob dois ângulos. Em primeiro lugar, como uma conversão de uma diferença e de uma assimetria, em uma relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e de opressão (KOEHLER, 2008, p. 3). Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência.

Barros (2012) informa que a violência é um problema social que está presente nas ações dentro das escolas e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Isso não deveria acontecer, pois escola é lugar de formação da ética e da moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários.

Porém, o que vemos são ações coercitivas, representadas pelo poder e autoritarismo dos professores, coordenação e direção, em uma escala hierárquica, estando os alunos no meio dos conflitos profissionais que acabam por refletir dentro da sala de aula. Assim:

Ao mesmo tempo que ela expressa relações entre classes sociais, expressa também relações interpessoais [...] está presente nas relações intersubjetivas,

aquelas que se verificam, entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre profissionais de categorias distintas. Seu resultado mais visível é a conversão de sujeitos em objetos, sua coisificação. [...] A violência é simultaneamente negação de valores considerados universais: a liberdade, a igualdade, a vida (KOEHLER, 2008, p. 3).

De acordo com Melo (2010), além disso, existe a violência presente nas ruas das cidades, a violência doméstica, os latrocínios, os contrabandos e os crimes de colarinho branco, que têm levado jovens a perder a credibilidade quanto a uma sociedade justa e igualitária, capaz de promover o desenvolvimento social em iguais condições para todos, tornando-os violentos, conforme esses modelos sociais.

Nas escolas, as relações do dia a dia deveriam traduzir respeito ao próximo, através de atitudes que levassem à amizade, à harmonia e à integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no projeto político pedagógico da instituição.

A violência escolar pode envolver tanto a violência entre classes sociais (violência macro) como a violência interpessoal (violência micro). No primeiro caso, a escola pode ser cenário de atos praticados contra ela (vandalismo, incêndios criminosos, atentados em geral). No entanto, a escola - enquanto organismo de mediação social - também pode ser veículo da violência de classe: a violência da exclusão e da discriminação cuja resultante maior tem sido o fracasso escolar (KOEHLER, 2008, p. 3).

A revisão bibliográfica demonstra que os atos violentos estão sujeitos a um grande sistema de relações interpessoais, nas quais as emoções, os sentimentos, os aspectos cognitivos estão presentes no âmbito educativo; na verdade, o problema começa quando se aborda o conflito através do exercício da autoridade, do castigo, das humilhações, provocando um clima de tensão dentro da sala de aula, o qual o professor não sabe resolver, pois o núcleo desta questão está submerso em um currículo oculto de relações interpessoais no processo ensino-aprendizagem.

Segundo Houaiss (2004), violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral (contra alguém); ato violento, crueldade, força”. Já para Ferreira (2005), a violência é ainda um constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem, coação.

A Organização Mundial da Saúde - OMS (BRASIL, 2010) define violência como “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”. Entretanto, também encontramos em nossos estudos, afirmativas de que o conceito de violência é muito mais amplo e impreciso. Entendemos assim que a violência é algo muito subjetivo, difícil de ser traduzido ou explicado.

A violência é hoje um dos maiores problemas de saúde, no Brasil e no mundo. Os dados são contundentes: no mundo, mais de 1.6 milhão de mortes/ano e mais de 16 milhões de internações hospitalares/ ano são causadas pela violência; mais de 4.000 pessoas morrem, por dia, por homicídio ou suicídio. No Brasil, foram registrados 48.032 homicídios no ano de 2005 (MELO, 2010, p. 28).

Nesta perspectiva, Melo (2010) diz que a ação comunicativa é uma interação isenta de qualquer coerção que não seja a força das razões que falantes e ouvintes têm para dizer o que dizem e fazer o que fazem. Logo, nesse tipo de ação, os participantes se reconhecem reciprocamente como sujeitos competentes: e interação intersubjetiva mediada pela linguagem. Violência seria, então, qualquer situação em que o ator social perde esse reconhecimento, mediante o uso do poder, da força física ou de qualquer outro meio de coerção, sendo então rebaixado da condição de sujeito à condição de objeto.

Segundo Melo (2010), a violência seria também representada pela exclusão e desigualdades sociais ou estaria a elas associada, ou seria explicada como violência estrutural pela clássica relação entre capital e trabalho. Nas sociedades modernas, em especial, destacam-se, por um lado, o desemprego estrutural ou diminuição dos postos de trabalho resultante do desenvolvimento tecnológico e, por outro, a horizontalização e flexibilização do trabalho.

Para Abramovay (2009), violência nas escolas é um problema gerado dentro do próprio ambiente escolar. Insultos, discriminação, ciberviolência, agressões físicas e até homicídios são situações cada vez mais comuns no dia a dia de alunos e professores. Também devemos considerar a violência que acontece fora das escolas, como a presença de armas e, por outro lado, a situação socioeconômica complicada de algumas escolas. As instituições produzem as suas próprias violências. A violência na escola se deve ao “clima escolar”, quer dizer, não vem de fora para dentro da instituição de ensino. Esse fator também acontece, mas as escolas são responsáveis pela reprodução de uma violência interna (ABRAMOVAY, 2009, p. 1)

1.2. Causas e consequências da violência na vida das crianças e adolescentes

De acordo com os estudos de Souza (2008), a violência tem várias causas. Entre elas, podemos enumerar o rápido crescimento industrial, a sofisticação das tecnologias, consumo exacerbado, concentração de renda, as privações sociais referentes à aquisição de bens de consumo ou até mesmo o difícil acesso a serviços essenciais ao ser humano, causam

carências, frustrações, o que contribui para a manutenção ou até mesmo agravamento do problema. Segundo a autora:

Em uma sociedade capitalista, como a brasileira, a concentração de renda se faz de maneira desigual, onde a minoria tem muito dinheiro e a maioria convive com o mínimo necessário. Vive-se em uma sociedade desigual com um discurso elitista onde é preciso trabalhar, para deixar de pertencer à maioria. A desigualdade social de forma geral, colabora para o aumento da violência em decorrência da fome, estresses e desemprego que afetam grande parte da população (SOUZA, 2008, p. 7).

Segundo Pereira, Pereira, Pereira e Soares. (2010), a violência é um fenômeno mundial, tendo presença constante nos meios de comunicação de massa. Trata-se de um problema social que reflete na escola municipal de Ipojuca e tem assumido proporções que indicam a necessidade de estudar, discutir o assunto, elaborar projetos e pesquisas buscando a prevenção e o exercício da cidadania e da solidariedade.

Neste entendimento, levar esse tema para a sala de aula desde os anos iniciais é uma forma de trabalhar uma questão controversa presente em nossas vidas, oportunizando momentos de reflexão que auxiliarão na transformação social (PEREIRA, PEREIRA, PEREIRA & SOARES, 2010, p. 260).

Sabemos ainda que os problemas de violência e agressividade no ambiente escolar são sinais de uma sociedade marcada por desigualdades sociais, entre outros fenômenos. As situações de violência na escola pesquisada exige uma tomada de ações voltada para a erradicação dos problemas de violência na escola, os quais desorganizam o processo de ensino aprendizagem, comprometem as relações entre as pessoas, levam ao estabelecimento de relações estressantes e ao adoecimento da comunidade escolar. Assim, passamos a nos debruçar sobre o problema do *bullying*.

Bullying é uma palavra de origem inglesa adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. O *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente adotada por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima (PEREIRA, PEREIRA, PEREIRA & SOARES, 2010, p. 234).

Para as autoras acima citadas, o termo se refere aos comportamentos agressivos e antissociais, sendo utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou

psicológica, entre os estudantes, por meio de ações preconcebidas que amedrontam aqueles incapazes de se defender, indo além dos conflitos normais ou brigas.

Segundo a Associação Brasileira de Proteção a Infância e a Adolescência – ABRAPIA, várias ações costumam ocorrer na prática do *bullying*: colocar apelidos, agredir, assediar, ofender, discriminar, bater, aterrorizar, zoar, excluir, chutar, dominar, gozar, isolar, empurrar, ridicularizar, encarnar, ignorar, ferir, menosprezar, sacanear, perseguir, roubar, humilhar, tyranizar, quebrar pertences, intimidar, ameaçar (PEREIRA, PEREIRA, PEREIRA & SOARES, 2010, p. 234).

De acordo com Tonchis (2012), podemos classificar inúmeras questões que levam a violência para o ambiente escolar. Por exemplo, as mais gerais: diferenças sociais, culturais, psicológicas, etc. e tantas outras como: experiências de frustrações, diferenças de personalidades, competição, etc.

Hoje, sabemos que a tendência da desfragmentação do saber é o melhor caminho a trilhar. A multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade é a proposta em voga de superação da fragmentação do saber. Somente através do diálogo aliado à práxis efetiva é que poderemos amenizar o grau de violência no interior das escolas (TONCHIS, 2012, p. 1).

Assim, esse círculo de violência deve ter um olhar mais universal, principalmente por aqueles que pensam sobre a educação. É necessário ver que a violência contra a instituição escolar, contra colegas e professores e, de certo modo, a violência dos adultos contra as crianças também contêm elementos de caracterização bem comum: a não aceitação das diferenças em toda a sua amplitude – se é diferente, é hostilizado, desprezado, humilhado, além do fato de que, quando a vítima reage, é violentada.

Como mencionado, um fator determinante para a violência é a não aceitação das diferenças, que também perpassa pela escola como instituição, com seus próprios professores, funcionários e com os próprios alunos. Essa uniformização, isto é, uniformizar o diferente, é feita com violência, na maioria dos casos, e esse comportamento institucional gera violência.

Segundo Tonchis (2012), a escola é o primeiro ambiente social que a criança experimenta; antes disso, ou seja, na socialização primária, ela se restringe à família, igrejas, vizinhos, enfim, um circuito bastante limitado. É na escola onde ela vai, realmente, experimentar um ambiente social – lá ela vai aprender a conviver com as diferenças e constituir um ser para si e para a sociedade.

Por isso, a urgência que se tornou essencial hoje – e que muitos não percebem, é tratar a violência na escola como um trabalho de lucidez quanto ao que estamos fazendo com nosso presente e, sobretudo, com o que nele se planta e define o rumo ao futuro. Para isso, é preciso

renovar nossa capacidade de diálogo e propor um novo projeto de sociedade no qual o bem de todos esteja realmente em vista.

Para Souza (2008), independentemente de seus tipos ou formas, atos de violência comprometem as relações sociais dos indivíduos que a sofrem e, particularmente, o desenvolvimento psicológico e emocional da criança, deixando sequelas, afetando nas brincadeiras, no desenvolvimento escolar e no dia a dia. Enfim, a criança que sofre algum tipo de violência, não tem um bom desempenho em suas atividades escolares e sociais.

A banalização da vida parece ser a marca do nosso tempo. Casos de violência passam despercebidos pela maioria da população, acostumada, talvez, à sua presença cotidiana, ocorrendo, quando muito, expressões de espanto e indignação de forma rápida e distante, apenas isso. O ser humano parece se sentir impotente e inseguro, diante de uma sociedade fragmentada, cujas autoridades, responsáveis pela segurança e integridade do cidadão, parecem incapacitadas para resolver o problema da violência.

2. METODOLOGIA

2.1. Contextualização

A pesquisa teve como objetivo principal verificar, através da visão dos gestores e professores, como se apresenta a violência em suas diversas faces no ambiente escolar e os seus motivos. A região onde se localiza a escola é uma região rural, localidade em que a violência é latente, com alto índice de tráfico de drogas. Os alunos que frequentam essa escola, em sua maioria, são de uma classe menos favorecida; muitos deles vivenciaram a exploração do trabalho infantil, o que resulta em desistência do ano letivo em virtude do alto índice de faltas e acidentes de trabalho, como mutilação dos dedos ou cortes profundos nas mãos em função do penoso trabalho no cultivo da cana de açúcar.

2.2. Participantes

Participaram desta pesquisa dez professores, a diretora e a vice-diretora da unidade escolar. Todos os pesquisados possuem o curso superior completo; as gestoras possuem mestrado em educação. Foi realizado entrevista de grupo focal como instrumento de pesquisa, no período de 2 horas em um momento de reunião de planejamento escolar. Através desta prática, foi possível identificar as formas presentes de violência na escola e dificuldades enfrentadas em função da violência escolar. Alguns professores expressaram o quanto a indisciplina é presente em sala de aula dificultando o processo de ensino e aprendizagem, desgastando a relação com aluno, que muitas vezes o ignora, gerando um distanciamento entre docente e discente. Também foi relatado um alto índice de violência verbal e física entre alunos e ameaças aos professores e funcionários por parte dos alunos do 4º e 5º ano. Alguns alunos destas classes eram envolvidos com o mundo do crime e drogas, realidade vivenciada muitas vezes no contexto intrafamiliar. A escola por sua vez, silencia por medo de represálias a estas situações. Ainda foi relatado atos de vandalismo contra o patrimônio escolar, roubos de equipamentos eletrônicos e alunos portando arma branca dentro da escola. Os professores da educação infantil sinalizaram que muitos de seus alunos chegam à escola com marcas de agressão física no corpo, no rosto e, quando questionados, relatam, na maioria das vezes, que foi agressão entre os pais, com a criança sendo vítima por se envolver para defender uma das partes, como também agressões físicas por parte de irmãos mais velhos ou cuidadores ou em atividade laborais.

Diante do exposto pela equipe pesquisada, é visível a urgente necessidade de intervir nesta problemática. Por isso, surge a idealização da construção de um projeto para prevenção e combate à violência e aos maus tratos, objetivando também o realinhamento do projeto político pedagógico que até este momento não trazia em seu contexto nenhuma proposta para a temática de violência e maus tratos.

A Constituição brasileira de 1988 (BRASIL, 2007) demarca, na história da educação do país, o início de um processo de discussões sobre a gestão democrática nas escolas. Em seu capítulo dedicado à educação, no artigo 206, incisos III e VI, estabelece, como um dos princípios orientadores a gestão democrática dos sistemas de ensino público, a igualdade de condições de acesso à escola e a garantia de padrão de qualidade. Por sua vez, esse discurso posto na referida lei institui às escolas mudanças nas formas de gerir os processos e as tomadas de decisões.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), 9.394/96, o discurso da gestão democrática da escola é regulamentado, estabelecendo orientações para a organização do espaço físico, para o trabalho pedagógico, para a participação dos educadores e para a integração entre escola e comunidade. A regulamentação da gestão democrática das escolas públicas, instituída pela LDB (BRASIL, 1996) demarca uma periodização em relação aos PPPs: “Por sua vez, legitimada na base de imperativos de modernização e de reforma educativa, a lei pode comprometer a ação política e pedagógica inerente a ambos” (ROSSI, 2006, p. 13). A partir de então, houve a emergência fervorosa da discussão sobre a elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos nas escolas públicas. Na referida lei, o PPP é citado como “proposta pedagógica” e “projeto pedagógico” da escola. A legislação aprovada propôs profundas mudanças na educação brasileira, através dos diversos artigos nos quais os discursos enunciavam a democratização e a autonomia da escola, ressaltando a importância da participação dos profissionais da educação e da comunidade escolar em conselhos escolares. Esses discursos atribuem papéis cada vez mais complexos à gestão da escola, “a qual deve responsabilizar-se não apenas pelo funcionamento do sistema escolar, mas também pela realização dos princípios fundamentais de igualdade de oportunidades educativas e de qualidade do ensino” (FONSECA, 2003, p. 306).

Em parceria com equipe gestora, nasce o projeto *Brincando, nos fortalecemos*, com foco em prevenção e proteção contra violência e maus tratos. Este projeto foi uma exigência do Estágio Supervisionado em Gestão escolar, de caráter obrigatório, oferecido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em duas etapas. Na primeira etapa, o estágio está focado principalmente para a observação do cotidiano escolar, principalmente no que se refere

ao novo paradigma de gestão centrado na gestão democrática. Isto quer dizer que este novo modelo de gestão atende à legislação em vigor, exigindo um novo perfil do gestor. Na segunda etapa, o estágio tem como objetivo o desenvolvimento pelos estagiários de um Projeto de Intervenção com o propósito dos mesmos já se envolverem com as atividades da escola no sentido de trabalharem de forma coletiva para a melhoria da qualidade de ensino do de estágio designado. Tratam-se de temas que envolvem todos os usuários da escola que trabalhados com a participação de todos visam o bem comum.

O Estágio Supervisionado é muito importante para a formação profissional do estudante em pedagogia, pois é justamente no estágio que o aluno vai aprender e carregar para sua vida profissional todo o conteúdo que é absorvido no dia a dia escolar. Podendo verificar e até solucionar eventuais problemas que possam ocorrer no espaço profissional, aguçando, ampliando e desenvolvendo a inteligência, a competência, o espírito crítico e também possibilitando a utilização da criatividade e, dessa maneira, aprofundando e amadurecendo os conhecimentos. De acordo com Pimenta e Lima (2004, p. 45), “consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará”, justamente pelo fato de o estagiário poder por em prática o que aprendeu em sala de aula.

O estágio é importante pelo fato de nos fazer perceber a realidade da escola. Dessa forma, podemos observar os aspectos físicos, o corpo docente, a didática do professor em sala de aula e sua formação, em que se percebe o domínio ou despreparo do docente; e sua avaliação na sala de aula. É importante verificar o relacionamento do professor e aluno por ser um processo de aprendizagem indispensável para um bom profissional (PINHEIRO, 2008).

À luz das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEIs e dos autores que discutem a temática da educação, foi possível constatar que: o estágio proporciona ao futuro educador refletir e rever conceitos da importância da relação gestor, professor, aluno, equipe de apoio, funcionários e a divisão das responsabilidades entre todos. Podemos assim constatar que, para construir um mundo melhor, cabe ao educador a consciência de que o processo educativo é contínuo e que se faz necessário a busca constante de pesquisas/tecnologias e interação social.

2.3. As experiências na escola municipal em Ipojuca - PE

A escola municipal de Ipojuca é ampla, possui salas climatizadas, respeitando o número de alunos por metro quadrado conforme as normatizações, apresentando área livre, uma mini-horta e brinquedos no pátio para recreação dos alunos. A instituição mantém a

ordem, a limpeza e a funcionalidade. A escola tem uma estrutura física boa que atende às necessidades de higiene e saúde de seus usuários, conforme preconiza os Parâmetros de Estrutura Física para Educação Infantil (BRASIL, 2006).

Os professores contam com recursos audiovisuais, como televisão, aparelho de DVD, computador, para dinamizar as aulas. Também existe o apoio pedagógico do Coordenador Rogério Dantas Dos Santos. Em função da maioria de seus alunos residirem na zona rural de Ipojuca, onde as condições de renda da população é baixa, temos a noção de que a maioria das famílias sobrevive apenas com a ajuda dos programas governamentais Bolsa Escola ou Família, como também muitas outras não possuem nenhuma renda pois não estão cadastrados em tais projetos. Desta forma, suas crianças fazem a maioria das refeições ou todas na escola, tendo em sua rotina o momento inicial de realizarem uma refeição, para garantir que a desnutrição não seja um fator limitante na aprendizagem.

Durante o estágio, pudemos observar que varias crianças frequentam a escola tão somente para fazer tais refeições, uma vez que, em casa, pelas condições, elas não podem fazer suas refeições necessárias para o dia a dia. Observamos diálogos em que as pessoas rotulavam alguns alunos como intoleráveis e que por vezes professores estavam perdendo tempo, “não há mais nada a fazer”. Que estas crianças jamais iriam aprender, pois as necessidades e a violência que viviam eram muito grandes, pois moravam em ambiente muito impróprio, em um sincretismo da incompreensão e o do raciocínio em que a dependência mútua gera um ciclo sem fim (PIAGET, 1999, p. 176). Tal situação nos faz lembrar que, atualmente, a sociedade passa por diversas transformações que tiveram significativa repercussão nos cenários sociopolítico e econômico de todo o mundo. Dentre tais mudanças, o universo infantil e juvenil tem se tornado objeto de discussões em fóruns mundiais, provocadas pela constatação de que o modelo posto constituía-se em um grande equívoco, com graves prejuízos e sequelas irremediáveis para todas as crianças e adolescentes, em detrimento da sociedade como um todo (DIAS, 2002, p. 38).

Vistos como adultos incompletos, os jovens representavam uma parcela da população que tinha, constantemente, seus direitos violados, sem qualquer possibilidade de interferir na construção da realidade que eles próprios vivenciavam e imutável e a qual deveriam adaptar-se, sob pena de serem considerados menores em situação irregular (DIAS, 2002, p. 38).

Durante nosso estágio supervisionado, presenciamos o relato de um aluno, afirmando que os pais batiam nele e o ameaçavam em relação a algum recado dos professores falando do seu mau comportamento ou solicitando presença na escola. Nesse sentido, compreendemos que:

As emoções são expressões afetivas acompanhadas de reações intensas e breves do organismo, em resposta a um acontecimento inesperado ou, às vezes, a um acontecimento muito aguardado (fantasiado) e que, quando acontece. Nas emoções é possível observar uma relação entre os afetos e a organização corporal, ou seja, as reações orgânicas, as modificações que ocorrem no organismo, como distúrbios gastrointestinais, cardiorrespiratórios, sudorese, tremor (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 2002, p. 194).

Tratam-se de reações visíveis nestes alunos. Obrigar o filho a afrontar os alunos que os atacam pode não ser a mais perfeita solução, ou seja, corre o risco de se passar por uma situação pior. Em muitos casos, a violência na escola é decorrente do medo de ser reprovado ou de ameaças que o aluno sofre em casa por parte de seus pais. Sabemos que existem dois afetos que constituem a vida afetiva: o amor e o ódio. Estão sempre presentes na vida psíquica – de modo mais ou menos integrado, associados aos pensamentos, às fantasias, aos sonhos e se expressam de diferentes modos na conduta de cada um (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 2002, p. 192). Os sentimentos assim vistos estão presentes em todas as relações; por isso, constatamos que o problema de violência não está só na escola, está também na família. Os planos familiares e os desejos dos pais, muitas vezes quando não bem elaborados, podem tornar-se violência. Pais tem papel enorme na medida em que podem evitar conflitos através de conversas e transmissão de valores.

Levando para o campo da legalidade ou da jurisdição, sabemos que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (DIAS, 2002, p. 39).

Entretanto, na prática, tal determinação ainda se faz ausente do cotidiano, a exemplo da escola municipal em Ipojuca. Assim, podemos classificar várias questões que levam a violência para o ambiente escolar, como diferenças sociais, culturais e tantas outras, experiências de frustrações, diferenças de personalidades, competição, etc. Também observamos muitos apelidos: derivados do *bullying*, como gorducho, magrelo, cabelo Bombril, filho de A e B, com crianças apresentando um vocabulário de adulto, mostrando claramente aborrecimento e fúria.

Ao sofrer a violência do tipo *bullying*, as crianças não têm como se defender quando feito por crianças maiores. Os alunos, mesmo que digam repudiar esse tipo de violência

psicológica e sentirem pena, mostram que nada podem fazer para defendê-las, com medo de ser a próxima vítima.

Nem todos os educadores estão preocupados com este problema, mas, muitas vezes, têm que contornar brigas dos alunos, pois nunca se sabe o que pode ocorrer no dia a dia na escola. Os pais, por sua vez, estão preocupados com a violência nas escolas, mas não fazem sua parte.

Segundo Souza (2008), a convivência dentro das paredes escolares chega a preocupar uma boa parte dos envolvidos com a escola. As crianças ficam sem recreio como meio de castigo, uma forma comum de refrear as brigas. Para conter as rebeldias dos alunos, professores ameaçavam levá-las para a diretoria. Tal situação sempre não fica apenas nas advertências, mas as punições não eram o bastante, pelo contrário, o corretivo vem sempre acompanhado de mais uma violência, porque, quando o aluno volta à sala, mostra-se mais revoltado, pois seus companheiros não deixarão passar o ocorrido sem se manifestarem.

Diante desse problema, observamos que também não estamos atendendo ao objetivo do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que é garantir proteção integral, a partir de um novo tratamento, em que são respeitadas as diferenças e a garantia à universalização dos direitos ali determinados (DIAS, 2002, p. 40).

Segundo Dias (2002), o ECA estabelece que todas as crianças e adolescentes receberão atendimento individualizado quando necessitarem, sendo-lhes aplicadas medidas protetivas ou socioeducativas de acordo com suas carências, depois de avaliada a situação psicológica e o contexto social e familiar de cada um. O Estatuto também mostra claramente, por critério etário, que crianças são as pessoas com idade até onze anos, e adolescentes são aquelas entre doze e dezessete anos, afirmando que estas duas etapas da vida são constituídas por pessoas inimputáveis, o que não significa irresponsáveis.

A obrigatoriedade da existência de, pelo menos, um Conselho Tutelar em cada município – art. 132, ECA – de modo a promover o atendimento de crianças e adolescentes e suas famílias, sempre que comprovada ameaça ou violação de seus direitos, aplicando-lhes as medidas adequadas de proteção (DIAS, 2002 p. 46).

Para Souza (2008), no que se refere à violência nas instituições escolares, é possível considerar que ela é inerente à ação pedagógica e não acontece somente dentro da instituição escolar, funcionando como mecanismo de reprodução das condições de dominação e subordinação de determinadas camadas, grupos ou classes. Desse modo, a escola torna-se um local de reprodução das relações e da hierarquia social, como espaço favorável para

reproduzir valores, padrões de comportamentos e modos de se vestir, sentir e agir, sempre de acordo com os grupos dominantes, colaborando para o aumento da desigualdade social.

A partir da aplicação do projeto *Brincando, nos fortalecemos* dentro de uma abordagem lúdica para prevenção de maus tratos e violência, na escola pesquisada, através do uso da ferramenta pedagógica dominó das emoções, percebemos que as crianças que são expostas a televisão, vídeos e filmes, agem de forma mais agressiva. A televisão é simplesmente a nossa maior influência, as crianças copiam o que veem. Elas convertem isso em competição, machucando outras crianças, de uma forma ou de outra. Os programas violentos influenciam o comportamento das crianças.

Assim, no campo das políticas públicas, a escola, com papel determinante e significativo no processo de desenvolvimento humano, deixa seu lugar de mero repassador de conteúdos com finalidade exclusivamente didático-instrucional e recebe o justo reconhecimento como espaço de convivência e de despertar de competências, transmitindo saberes e formando pessoas para a vida (DIAS, 2002, p. 48).

Constatamos ainda crianças chegando à sala com réplicas de armas de desenhos animados. Tanto as meninas como os meninos demonstravam a mesma atitude: sempre no recreio, nós professores tínhamos que separar uma briga entre eles. Muitas vezes, as crianças queriam chamar a atenção dos colegas ou da professora transformando brincadeiras em brigas.

Sabemos que o problema da violência em suas múltiplas formas é cada vez mais presente em nossa sociedade; esse problema de convivência é de todos nós. Dessa maneira, a busca de soluções também é de todos. As instituições escola e família precisam urgentemente da união, cada vez mais intensa. Crianças com tão pouca idade mostravam claramente que rejeitavam colegas filhos de mãe solteira e outros tipos de pais que tinha na turma. Assim:

Dentro da tipologia estabelecida, atualmente, convive-se de perto com as violências doméstica e familiar. O que se considera violência cultural ou simbólica, ocorre no ambiente doméstico e familiar. No processo de socialização, as crianças sofrem, pelos pais, ações que impõem ordem e limites que, embora necessários, enquanto padrões de comportamentos denotam certa violência (SOUZA, 2008, p. 6).

Em sua forma física, a violência provoca na vítima, desde lesões simples como hematomas, até a mais grave e irreversível, caracterizada pela morte, a mais perceptível, quando não se procura esconder a vítima. O mesmo não acontece com a violência psicológica,

que não se apresenta apenas no convívio doméstico e familiar, mas em todos os segmentos sociais.

As crianças se comportavam do modo como queriam e diziam que os pais não faziam nada (não os repreendiam ou os educavam para a convivência com os demais colegas); caso isso realmente ocorresse, geraria uma denúncia ao conselho tutelar. Por isso, da mesma forma aconteceria com o professor que as castigasse na sala ou de lá as expulsasse. As brigas nas escolas são um problema constante. Muitos dos alunos estão introduzidos num contexto de violência em que as coisas são decididas na base da briga.

Isso significa que o comportamento dessas crianças é uma reprodução das imposições dos adultos. De outras formas, ocorridas dentro do âmbito doméstico, e no seio da própria família, tais violências, geralmente, são praticadas pelos homens às mulheres e crianças de diferentes maneiras: física, psicológica ou sexual (SOUZA, 2008, p. 6).

Vale ressaltar que estamos falando de crianças que, desde a mais tenra idade, aprendem a conviver com a violência que começa dentro da própria casa, chega à rua com outra face e se espalha pelo mundo, de todas as formas, ceifando vidas, em um ciclo de recorrência que banaliza o crime pela convivência constante com um cenário de degradação, onde campeia a impunidade e prevalece a lei do mais forte (DIAS, 2002, p. 50).

A falta de afeto e de valores está relacionada com a frequente ausência dos pais, que, em busca da sobrevivência diária para a família, deixam seus filhos com irmãos mais velhos ou babás, o que reduz cada vez mais o tempo de convívio familiar entre pais e filhos. Essa mudança nas relações familiares tem várias implicações. O abandono pode decorrer tanto da necessidade de trabalho dos pais, quanto do total despreparo por parte dos mesmos no trato com a criança, e ainda pela inversão de valores com relação ao papel da escola.

2.4. Propostas de intervenção vivenciada na escola Municipal em Ipojuca – PE através do projeto *Brincando, nos fortalecemos*, com foco na prevenção da violência e maus tratos

A escola é um local importante para trabalhar conhecimento, habilidades e mudanças de comportamento. Ela representa um contexto próprio e adequado para o desenvolvimento de ações educativas, atuando nas diferentes áreas do ser humano.

Nessa perspectiva, a escola contemporânea não pode ser um fim em si mesmo, mas um espaço para a formação integral, em que conhecimentos e competências afetivas, cognitivas e relacionais se desenvolvem do modo mais harmonioso possível. Diante do

cenário de violências constantes no cotidiano escolar desta unidade educacional, foi desenhado um projeto de intervenção através de práticas pedagógicas lúdicas, tais como canções, danças, jogos de mesa, histórias, quebra-cabeças, jogos teatrais, afinal é brincando que a criança aprende a estabelecer e respeitar normas, a comunicar-se, a criar novos espaços de conhecimento interpessoal, a desenvolver diferentes hipóteses e estratégias de solução perante diversas situações e, com certeza, se divertir.

A partir da execução do projeto *Brincando, nos fortalecemos*, foi possível conhecer de perto as realidades de cada turma, os professores em sua prática de combate à violência e à influência destas problemáticas no cotidiano escolar e na aprendizagem do aluno. Através do projeto foi possível conduzir o educando a uma viagem ao seu mundo interior, sua casa, família, história e a identificação da origem destes comportamentos. Através dos relatos dos alunos nas rodas de conversa proposta como ação do projeto, foi possível perceber os diversos fatores que podem levar a criança ou adolescente a praticar a violência, em que os mais relevantes são a desigualdade social, a influência de grupos de valores, crenças, formas de comportamento como também a falta de apoio da família. Nesse sentido, o projeto de prevenção teve uma intervenção educativa não só para os educandos e familiares, como também para todos os funcionários da escola. Todos refletindo sobre a temática para construção de bons tratos e formação do ser crítico e social.

A execução do projeto aconteceu com apoio de cinco estagiários, possibilitando a realização das ações do projeto nas turmas de educação infantil e Ensino Fundamental 1 nos turnos manhã e tarde. No primeiro momento, aconteceram três encontros com equipe executora para repasse do diagnóstico da situação violência pesquisado, do desenho do projeto e sua metodologia, e o planejamento das ações práticas do projeto. O projeto foi executado no período de cinco dias consecutivos, sendo uma oficina por dia em cada turma, conforme o cronograma de atividades abaixo.

Tabela 1: Cronograma de ações do projeto.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES EXECUTADAS			
PLANO DE PARTICIPAÇÃO AÇÃO			
Encontros	Atividades a serem desenvolvidas	Objetivos	Carga horária
1. Encontro	Roda de conversa sobre a temática. O que é violência? Como Acontece?	Identificar o conhecimento prévio dos educandos sobre a temática para, a partir disto, aprofundar a reflexão sobre maus tratos e os	8 horas

	Em que local acontece? Qual a minha reação?	tipos de violência e a presença deles no meu cotidiano.	
2. Encontro	Jogo das Emoções. 28 peças com 7 expressões faciais de meninos e meninas que representam as seguintes emoções: alegria, tristeza, vergonha, raiva, admiração, confusão, medo	Promover a identificação de diversas emoções que se produzem no encontro com outros; reconhecê-las, nomeá-las, associá-las a vivências cotidianas.	8 horas
3. Encontro	Canções, danças e jogos teatrais, jogos em grupo.	Estimular a valorização e o cuidado com o corpo, trabalhar sobre semelhanças e diferenças entre meninos e meninas e entre crianças e adultos.	8 horas
4. Encontro	Contação de histórias e contos com situações cotidianas que pode acontecer no universo da criança.	Conceituar a existência de abuso sexual e as emoções resultantes. Desenvolver o direito sobre o corpo, a capacidade crítica de decidir sobre seu uso e o direito de dizer NÃO. Identificar pessoas nas quais possam confiar, que podem recorrer em situações difíceis de dúvidas ou confusão.	8 horas
5. Encontro	Palestra com a escola e família sobre a temática, projeção de vídeos com diversos casos de violências e suas consequências na vida das crianças.	Sensibilizar todos sobre as consequências da violência na aprendizagem, e o caminho para a cultura de paz. Vacinação contra maus tratos. .	8 horas

Fonte: Elaborada pela autora.

3. RESULTADOS DO PROJETO

Com a aplicação das ferramentas pedagógicas previstas no plano de ação do projeto, houve significativas mudanças de comportamento nos alunos e professores. Podemos observar, após um mês da aplicação do projeto, que o Livro de Ocorrência escolar estava sem nenhum registro de práticas de violência ou maus tratos, diferentemente de antes da aplicação do projeto, em que todos os dias um número significativo de casos eram registrados.

No primeiro dia, através da roda de conversa sobre a temática da violência, foi possível fazer uma sondagem sobre o conhecimento prévio dos alunos e aprofundar a temática de acordo com a realidade de cada turma. Neste momento, os alunos tiveram a oportunidade de identificar os diversos tipos de violência que são vítimas ou fazem vítimas. Nos muitos relatos de violência doméstica e desejo de vingança presentes na fala dos alunos, ficou claro que muitas famílias necessitam de um trabalho para resgate dos vínculos afetivos. Nesse sentido, a ferramenta que promoveu uma expressão de maior reflexão e mudança interna foi o domínio das emoções, por possibilitar aos participantes a identificação de diversas emoções que produzem no encontro com outros: reconhecê-las, nomeá-las, associá-las a vivências cotidianas. O jogo promoveu a socialização de experiências da vida das crianças, que permitiram um melhor conhecimento umas das outras através da identificação de cada participante com as figuras expressando os sentimentos de alegria, tristeza, vergonha, raiva, admiração, confusão e medo.

Nesta oficina, muitos alunos abriram seus corações relatando situações de medo, insegurança e raiva pelas ações de violência ou maus tratos de colegas ou funcionários da escola, por situações não resolvidas de conflitos dentro e fora dela. Aqui, os alunos também foram conduzidos a perdoar seus ofensores e aliviar as bagagens da alma. Tal oficina promoveu aos professores de cada turma a oportunidade de conhecer mais de perto a realidade de cada aluno e se reconectar com suas histórias de vida a partir de uma relação de empoderamento, através da afetividade e bons tratos.

Por meio das canções, jogos e teatro as crianças todos começaram a aprender a conhecer e amar o próprio corpo, reconhecendo-o como bom, belo, valioso e transcendente, estimulando sua valorização, cuidado e controle, vivenciando-o como meio de comunicação com os outros e com o mundo.

A partir da reflexão e debate sobre o filme *Menino de carvão* (2008), muitos pais ou responsáveis se identificaram com a história do protagonista do curta-metragem. A palestra com a família permitiu uma profunda reflexão e debate sobre a violência doméstica. A

participação dos pais ou responsáveis foi em 50% naquele momento, sendo possível identificar, através da escuta dos participantes, que algumas famílias não entendem seu papel para a proteção dos filhos. Também foi citado em alguns depoimentos que a necessidade de sobrevivência faz os pais obrigarem seus filhos à mão de obra infantil. Além disso, programas governamentais não integram ações, há medo das famílias em denunciar casos de violência sexual, muitos adolescentes e jovens perdem suas expectativas de futuro ao se envolver com as drogas e a segurança pública é insuficiente para cuidar das pessoas. A gravidez precoce e, em muitos casos, indesejada ainda é frequente, além dos casos de reincidência. Muitas crianças são negligenciadas por suas famílias por falta de cuidados (higiene e educação).

Diante de todos esses dados coletados através da oficina com a família e responsáveis, fica como desafio para a escola criar uma agenda com atividades pontuais com esse público para aprofundar a temática. Foi identificada a necessidade de atendimento psicológico para muitas crianças e alguns pais. O primeiro e maior desafio talvez seja sensibilizar os profissionais para mudarem a lógica do atendimento que vem sendo desenvolvido; ter um olhar em que a prioridade seja a defesa, a proteção e a atenção à criança e ao adolescente em situação de violência. E esse “olhar”, investigador e acolhedor, só será possível em um processo permanente de capacitação, formação e qualificação conjunta dos profissionais que atuam nos diversos serviços e políticas setoriais.

A escola deve contribuir para a humanização da criança enquanto ser em desenvolvimento, deve ser reparadora das mazelas da violência que permeiam nosso cotidiano nestes últimos tempos. Nas conquistas e desafios da Declaração Universal de Direitos Humanos incluem-se o exercício da e na cidadania, a ética, os valores morais; estes pontos, sem dúvida, devem ser vivenciados na escola, culminando com o (re)significado da infância no século XXI, a partir da legitimação dos direitos da criança e do adolescente, garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

Assim, devemos entender que o trabalho educativo do professor não pode conter, de forma alguma, em seu bojo, o rancor, a rispidez, o mau humor, o desrespeito, a ofensa, o cinismo, o autoritarismo que humilha e envergonha, pois tal profissional deve ensinar a condição humana, individual e coletiva. Eis aqui um desafio para todos os professores, comprometidos com o “agir pedagógico” que privilegie, interventivamente, o vínculo pessoal saudável, a tolerância, a capacidade de cuidar do outro e se deixar ser cuidado. Esta é uma tarefa a qual devemos disseminar em nossas reflexões sobre as ações que permeiam nossas práticas educativas: a pessoa do professor enquanto profissional do desenvolvimento de “corações e mentes” (KOEHLER, 2008, p. 11).

Nesse entendimento, o contexto atual mostra-nos que a violência no mundo adulto tem aguçado a situação de risco de crianças e jovens, além de reproduzir os valores desumanos. Precisamos compreender que uma das possibilidades para se atingir o paradigma de pleno desenvolvimento humano está em investir nas relações interpessoais, na educação e, portanto, na pessoa do professor como educador. De acordo com Abramovay (2009), temos de levar em conta o todo da escola, senão a culpa recai apenas sobre os alunos e as famílias. Temos de desconstruir a ideia de que os estudantes vêm de uma família desestruturada. A escola recebe pessoas, não exatamente boas ou más, e tem como função educá-las. O espaço escolar é um parâmetro para essas pessoas desenvolverem sua cidadania, e o período de três a quatro horas tem de ser bem aproveitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nossas escolas estão enfrentando um grande entrave para o desenvolvimento das suas práticas pedagógicas em face dos índices de indisciplina e violência, muitas vezes ocorridos por causa das transformações na sociedade e da perda de valores morais e éticos. A violência vem se destacando a cada dia como um dos maiores problemas que a escola tem enfrentado no século XXI, visto que se trata de um ambiente no qual convivem pessoas com diversas personalidades e, por isso, a todo tempo, é possível encontrar diversos problemas de convívio dentro da sala de aula.

A partir dessas perspectivas, ficou claro que a violência e a indisciplina não devem ser assuntos negligenciados no ambiente escolar, familiar e social, mas devem ser discutidos, compreendidos e solucionados a partir do envolvimento de todos, de maneira consciente, com trocas de experiências e não na busca de um culpado. Entendendo que as ações docentes fazem toda a diferença para o sucesso ou insucesso de seus alunos, é necessário que os educadores se percebam importantes agentes de transformação, de transmissão de conhecimento aos educandos, visto que é necessário conversar com os alunos sobre o que está acontecendo ao seu redor, levando-os a refletir sobre condutas violentas vistas em seu cotidiano.

A escola precisa ser um ambiente de respeito mútuo, de interação, um local que todos acreditem ser seu, com métodos diferenciados de ensino, lugar que consegue perceber as dificuldades de cada um e, a partir disso, trabalha com as suas potencialidades, visto que todos têm suas particularidades a serem respeitadas. Só será possível uma diminuição nos índices de violência se todos os agentes escolares tiverem consciência que são importantes nessa busca, entendendo que a família inicia o processo de formação moral e ético, mas a escola o deve continuar, levando o aluno a se perceber importante na sociedade. Logo, escola e família devem caminhar no mesmo sentido, uma apoiando a outra, tornando assim a educação um ponto envolvente e principalmente significativo a todos que nela atuam direta ou indiretamente.

Dessa forma, é de suma importância a participação do professor perante a situação “violência nas escolas”, desenvolvendo projetos educacionais que enfatizem a importância do convívio saudável, de paz e respeito às diferenças, tentando assim coibir a violência dentro e fora dos muros escolares. Tal profissional, então, faria da docência um diferencial, buscando sempre educar com ousadia, pois as mudanças necessárias para a educação de qualidade se manifestam primeiro diante da quebra de paradigmas internos, crenças e valores que estão

arraigados ao ato de ensinar. O objetivo das diferentes práticas pedagógicas é estimular em crianças e adolescentes a capacidade para resolver problemas de forma competente, isto é, a comportar-se construtivamente em momentos de conflito, ajudando-os a renunciar à violência, desenvolvendo a capacidade de diálogo e a busca conjunta na solução dos problemas.

Acreditamos que as ações educativas que propusemos podem auxiliar o professor nessa tarefa, na medida em que possibilitam o alívio de tensões de uma forma socialmente aceitável, permitem o exercício de outros papéis sociais, pondo-se no lugar do outro, além de abrirem um espaço para a tomada de consciência das implicações e consequências das suas ações e dos outros, propiciando a reflexão sobre questões éticas. As ferramentas aplicadas no projeto são apenas sugestões, que devem ser recriadas ou adaptadas para as situações específicas que ocorrem em sala de aula. Levando em conta o contexto cultural da escola e os conflitos existentes em determinado momento, o professor pode recriar essas técnicas, adequando-as aos objetivos pedagógicos que pretende atingir. Finalizando, queremos destacar que a aplicação do projeto só foi possível pela participação compromissada dos gestores e professores que compartilharam conosco suas alegrias e tristezas, suas realizações e dificuldades, e, sobretudo, trouxeram seus saberes, enraizados na vida concreta da escola, e a disponibilidade de participar da experiência. nas suas manifestações durante esse período de diagnóstico e aplicação do projeto.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Os tipos de violência**. 2009. Disponível em: <http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=31:os-tipos-de-violencia&catid=18:en>. Acesso em: 28 jan. 2018.
- ALMEIDA, F. J. **As violências que estão na escola**. Revista Eletrônica Nova Escola. 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/violencias-escola-467268.shtml>>. Acesso em: 28 jan. 2018.
- ARAÚJO, 2008 Cidália et al. **Estudo de Caso Métodos de Investigação em Educação**. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho , 2008.
- BARROS, J. A **violência em sala de aula**. 2012. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/educacao/escola-x-violencia.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2018.
- BOCK, A. M. B. FURTADO, O. TEIXEIRA, M. L. **Psicologias**. Uma introdução ao estudo de Psicologia. 13 Ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescente e suas famílias em situação de violências: orientações para gestores e profissionais de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010 .
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil**: encarte 1. Brasília, DF: MEC, 2006.
- BRASIL. Decreto Lei nº 9394/96. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Imprensa Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988 — texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais de n. 1, de 1992, a 53, de 2006, e pelas Emendas Constitucionais de Revisão de n. 1 a 6, de 1994. 27. ed. Brasília: Câmara dos Deputados - Coordenação de Publicações, 2007.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclo - apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC; SEF, 1998.
- BRASIL. Decreto Lei nº 8.069. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 28 jan. 2018.
- DEMO, P. **Conhecer e aprender**: sabedoria dos limites e desafios Porto Alegre: Artmed, 2000. pp. 9-12.
- DIAS, G. M. (coord.). **Manual da cidadania para educadores**. Natal: AMPERN, 2002.

ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência Escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. 1. ed. São Paulo: Ática Educadores, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

FONSECA, M. **O projeto político-pedagógico e o plano de desenvolvimento da escola: duas concepções antagônicas de gestão escolar**. Caderno Cedes, v. 23, n. 61, 2003. pp. 302- 318.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista Paranaense de Desenvolvimento. n. 116. 2009. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/275/229>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

HENRIQUE, Adriano Silva. **Dificuldades encontradas pelo professor em sua prática docente**. In. FVG online. Publicado em 02 de março de 2011

HOUAISS, A. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna; Instituto Antonio Houaiss, 2004.

KOEHLER, S. M. F. **Violência psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor aluno**. In. **La nueva alfabetización: un reto para la educación del siglo XXI**. 2008. Disponível em: <<http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espacopraxispedagogicas/RELA%20C3%87%C3%83O%20PROFESSORALUNO/violencia%20psicologica%20um%20e%20do%20fenomeno%20na%20relacao%20professor-aluno.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

MELO, E. M. **Podemos prevenir a violência**. Brasília: UFMG, 2010. (Serie Promoção de Saúde e Prevenção da Violência - Organização Pan-Americana da Saúde II). Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/podemos_prevenir_violencia_03_12_2010.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2018.

MORAN, José Manoel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12 ed. Campinas - SP: Papirus, 2011. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/moran/qual.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

NICOLILELO, B. **Professores brasileiros perdem 17% das aulas com a indisciplina**. Revista Eletrônica Educar para Crescer. 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/boletim-educacao/tag/indisciplina>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

PEREIRA, M. I. PEREIRA, F. G. PEREIRA, M. N. SOARES, R. E. **Diagnóstico e prevenção do bullying no Instituto de Educação de Minas Gerais: um relato de experiência**. 1ªed.Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde- Representação Brasil, 2010, v. 1, p. 233-242.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PIMENTA, S. G. LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PINGOELO, I. HORIZUELA, M. L. M. **A percepção dos professores sobre o bullying**. Anais do I Congresso de Pesquisa em Psicologia e Educação Moral: Crise de valores ou valores em crise? Campinas - SP: 2010. Disponível em: <<http://bullyingbr.com/artigo1.html>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

PINHEIRO, M. A. **A importância do estágio**. 2008. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/recursos-humanos-artigos/a-importancia-do-estagio-403435.html>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

ROSSI, V. L. *Gestão do Projeto Político-pedagógico: entre corações e mentes*. São Paulo: Moderna, 2006. (Coleção cotidiano escolar).

M., Rua, M. das G. (2002). *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO no Brasil.

SOUZA, Mirian Rodrigues de. **Violência nas escolas, causas e consequências**. In: Caderno Discente do Instituto Superior de Educação. Aparecida de Goiânia - GO: 2008. Disponível em: <<http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%8ANCIA%20NAS%20ESCOLAS%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%8ANCIAS.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

TOQUINHO e Elifas Andreato, **Herdeiros do Futuro**, Radar Records 2014.

TONCHIS, L. C. **A violência na escola e suas consequências**. 2012. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/violencia-na-escola-e-suas-consequencias>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

MARIA, Eugenia Govret/ Alicia Casas Gorgal. **Programa Claves**. Uruguai, 2003.

MENINO de carvão. Dir. Fram Paulo. Prod. Alex Pedrosa e Paulo Eduardo/Uzina Flmes. Senador Pompeu - CE, Brasil, 2008, son., col., 32 min.

<http://letras.terra.com.br/toquinho/87255/>

ANEXOS

1. Mapa de empatia

Utilizado para coleta de informações sobre a violência escolar com equipe: gestores, professores, educadores de apoio da escola municipal de Ipojuca.

Nome: _____ Idade: _____

o que
PENSA E SENTE?

o que
OUVE?

o que
VÊ?

o que
FALA E FAZ?

quais são as **DORES?**

quais são as **NECESSIDADES?**

Autor Desconhecido

2. Músicas

Tema de projeto de prevenção e combate ao abuso sexual

Filha, o papai tem um assunto muito importante pra conversar com você.
Ahram, sobre o que papai ?

O seu corpo é um tesourinho, tão precioso você tem que guardar,
Se alguém tocar em você, você não pode esse segredo esconder. (2x)

Fale pra o papai, conte pra mamãe,
Fale com seu professor,
Se alguém tocou em você e você triste ficou,
Fale para alguém.

Não tenha medo, não guarde segredo, Conte pra alguém,
Não tenha medo, não guarde segredo.

Então você aprendeu filha ?
Sim, papai aprendi.

Autor Desconhecido.

Herdeiros do Futuro Toquinho

A vida é uma grande
Amiga da gente
Nos dá tudo de graça
Pra viver
Sol e céu, luz e ar
Rios e fontes, terra e mar

Somos os herdeiros do futuro
E pra esse futuro ser feliz
Vamos ter que cuidar
Bem desse país
Vamos ter que cuidar
Bem desse país

Vamos ter que cuidar
Bem desse país
Vamos ter que cuidar
Bem desse país

Será que no futuro
Haverá flores?
Será que os peixes
Vão estar no mar?
Será que os arco-íris
Terão cores?
E os passarinhos
Vão poder voar?

Será que a terra
Vai seguir nos dando

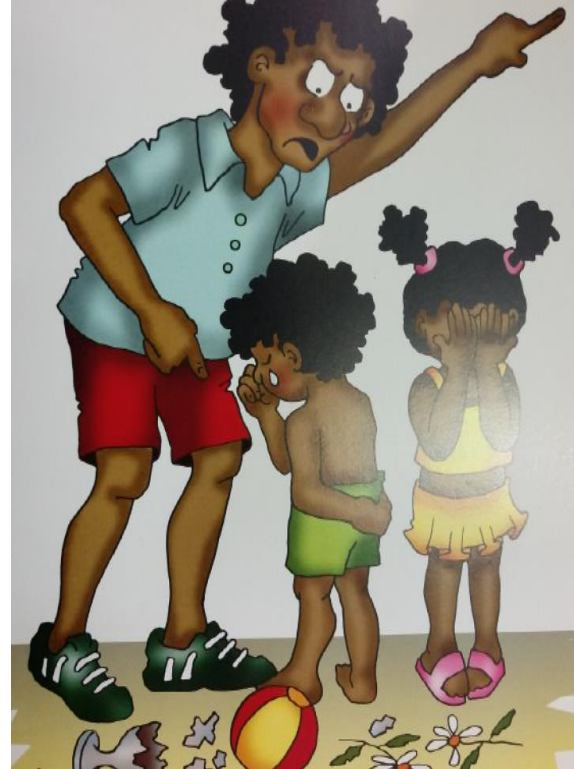
<p> Será que no futuro Haverá flores? Será que os peixes Vão estar no mar? Será que os arco-íris Terão cores? E os passarinhos Vão poder voar? Será que a terra Vai seguir nos dando O fruto, a folha O caule e a raiz? Será que a vida Acaba encontrando Um jeito bom Da gente ser feliz? </p>	<p> O fruto, a folha O caule e a raiz? Será que a vida Acaba encontrando Um jeito bom Da gente ser feliz? Vamos ter que cuidar Bem desse país Vamos ter que cuidar Bem desse país </p>
--	---

3. Ferramentas utilizadas no projeto do Programa CLAVES no Uruguai.

- Contação de histórias



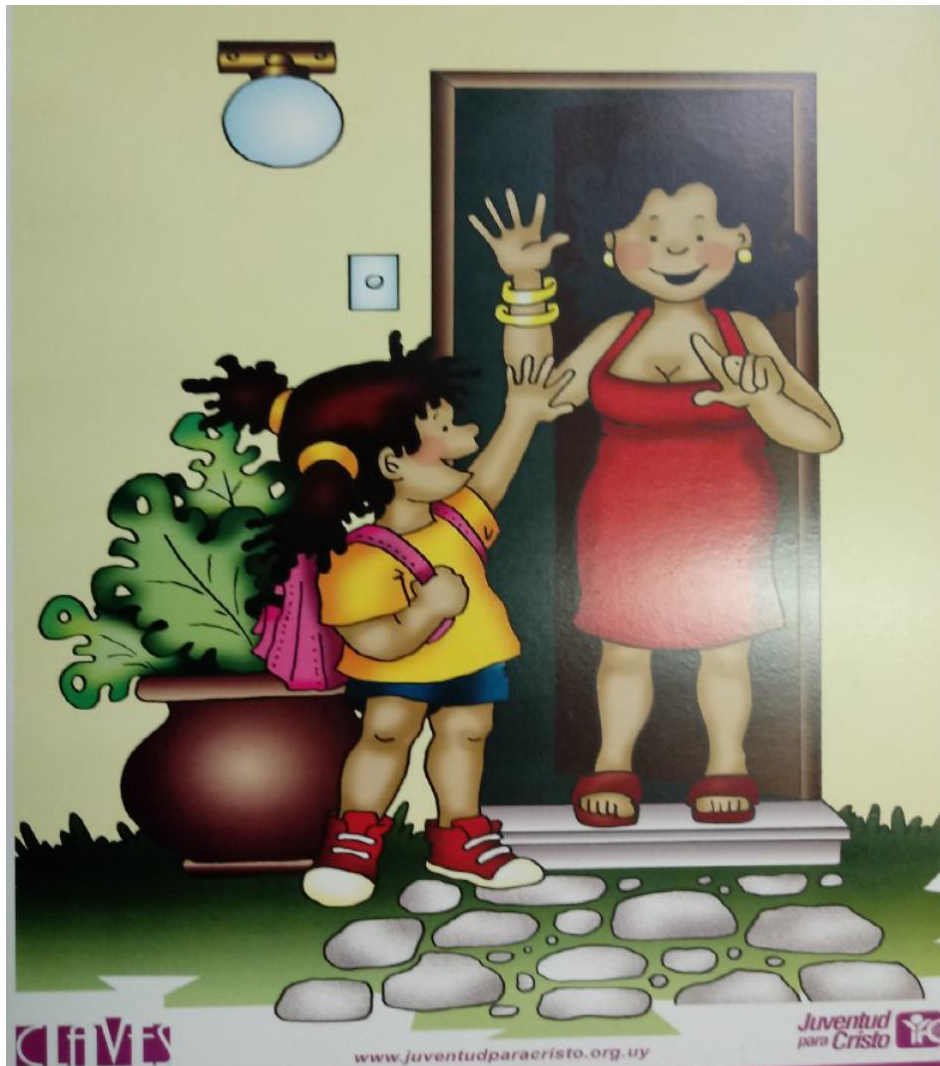












Alguns segredos devem ser contados

Joana tem 8 anos e estuda na escola do bairro. Ela mora com sua mãe e seus irmãos: o mais velho, que já trabalha, e o mais moço, que está no maternal.

Um dia, de manhã, quando Joana se preparava para ir à escola, apressada, para não chegar atrasada, sua mãe lhe perguntou:

- Joana, você tem tudo na mochila?
- Sim, mãe - respondeu Joana.
- Joana, vamos! - berrou o irmão mais velho, que esperava por ela para acompanhá-la até a escola.
- Tchau, mãe! A bênção...
- despediu-se Joana.
- Joana - disse a mãe - não esqueça o que sempre lhe digo: não fale com desconhecidos. E quando voltar da escola, passe chave na porta e não abra a porta a ninguém enquanto eu não tiver voltado do serviço.



Nessa tarde, ao voltar pra casa, enquanto Joana procurava a chave da porta em sua mochila, seu Eduardo, o vizinho, que a viu da porta da casa dele, disse-lhe:

- Joaninha, outra vez não consegue achar a chave! Espere, vou ajudá-la!
- Não precisa, seu Eduardo, já achei! - respondeu Joana, entrando rápido em casa.

Seu Eduardo morava no bairro, havia dois anos. Era conhecido e respeitado por todos os vizinhos.

De tarde, quando Joana estava sozinha, seu Eduardo ia acompanhá-la até pouco antes que sua mãe chegasse. Sempre chegava com bombons ou balas de presente para Joana.

Joana ligou a TV bem alto, quase em seguida, ouviu que alguém batia à porta.



- Quem é? - perguntou Joana.
- Sou eu, sou eu, Joana... - disse seu Eduardo.

Joana, com pouca vontade, abriu a porta como fazia toda tarde no último mês.

No começo, em suas visitas, seu Eduardo assistia um pouco de TV com ela, batiam um papo e ia embora. Mas, cada dia ele ficava mais tempo, ensinava a Joana brincadeiras que ela não gostava muito e faziam-na se sentir um pouco esquisita. Além do mais, ela não sabia se estava certo brincar dessas brincadeiras...

Antes de ir embora, seu Eduardo sempre repetia:

- Lembre, Joana, que este é nosso segredo. Não diga a ninguém que eu vim.

E Joana obedecia.



De noite, todos voltavam para casa. Enquanto a mãe preparava a janta, porque o tio vinha visitá-los, conversavam a respeito do que tinham feito durante o dia.

- Joana - perguntou a mãe - como foi na escola hoje?
- Bem.
- Você fez sua lição de casa?
- Não, não tive tempo.
- Mas Joana, todo dia a mesma coisa... - disse a mãe - O que foi que você fez logo que chegou da escola?
- Dormi... - respondeu Joana com maus modos.

Fazia tempo que Joana não fazia a lição de casa sozinha. Estava triste, calada e, muitas vezes, ficava brava sem razão. Mas, desta vez, à mesa, sua insistiu.

- Nos últimos tempos você tem estado esquisita, Joana. O que há com você?
- Nada, o que pode acontecer?
- Não sei, acho que tem alguma coisa te preocupando...
- Não há nada! Me deixe em paz! Não posso ter um segredo? - respondeu Joana e foi embora para seu quarto.



A mãe vai atrás dela, senta com ela e diz:

- Eu sei que você tem direito a ter segredos, mas se há um segredo que a deixa tão mal-humorada, triste ou faz você mentir, não acho certo que você o guarde. Eu sempre vou gostar de você, independentemente do que você possa ter feito.

• **Dominó das emoções**

